



5147 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
 GT12 - Currículo

“Paisagens? “híbridas”, “fluxos culturais”?: possibilidades de análises das teias discursivas pedagógicas nos documentos curriculares de História (1985 à 1995)

Maria de Fatima Barbosa Pires - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Camile Jantalia Barbosa - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

**“Paisagens” “híbridas”, “fluxos culturais”: possibilidades de análises das teias discursivas pedagógicas nos documentos curriculares de História (1985 à 1995)**

**Resumo:**

O pôster objetiva apresentar alguns resultados parciais das pesquisas produzidas pelas autoras em diálogo com a pesquisa central desenvolvida no nosso Grupo de Estudos e Pesquisas. Pretende-se, em primeiro lugar, explorar as noções de cultura e de termos que dela derivam, a partir dos trabalhos teóricos de APPADURAI (1996) CANCLINI (1996, 2007, 2013) e HALL (2003, 2005). Em seguida, procuraremos discutir alguns deslocamentos destes conceitos para análise de documentos curriculares para o ensino de História no contexto do Rio de Janeiro (1985-1995) com o objetivo de enunciar alguns “rastros” discursivos de tendências pedagógicas, naquele contexto, inseridas em uma teia discursiva mais ampla (ALBUQUERQUE JR, 2007) por meio da análise do discurso (FOUCAULT, 1996, 1999, 2008)

**Palavras Chaves:** Currículo, Cultura, tendências pedagógicas e Ensino de História

**1. Introdução:**

No presente trabalho, pretendemos apresentar alguns aspectos das nossas investigações que dialogam com a pesquisa central desenvolvida no nosso grupo de Estudos e Pesquisas. Para isto, em primeiro lugar, exploraremos as noções de cultura e de termos que dela derivam, a partir dos trabalhos teóricos de APPADURAI (1996), CANCLINI (1996, 2007, 2013) e HALL (2003, 2005).

Em seguida, procuraremos discutir alguns deslocamentos destes conceitos para análise de documentos curriculares para o ensino de História no contexto do Rio de Janeiro (1985-1995) com objetivo de enunciar “rastros” discursivos de tendências pedagógicas, naquele contexto, inseridas em uma teia discursiva mais ampla (ALBUQUERQUE JR, 2007) por meio da análise do discurso (FOUCAULT, 1999, 2008 e 2009).

**2. Cultura: ação em transformação**

Compreendemos cultura como um conceito não fechado, sobretudo, ao considerarmos o seu enfoque antropológico. Cultura vista como ação nos remete a sua origem etimológica, que vem do latim: “colere”, isto é, ato de cultivar. Neste sentido, concordamos com a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, quando esta afirma que os homens fazem a cultura e não o inverso. O escritor jamaicano Stuart Hall argumenta, considerando este caráter inacabado, sempre em constante devir da cultura: “A cultura é uma produção (...) Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 43)

Ora, se estamos em processos contínuos de construção de nós mesmos e na interação com os outros, nos interrogávamos, em nosso grupo de pesquisa, sobre os “rastros” culturais que implicaram as produções curriculares no contexto analisado (1985-1995), na compreensão de que elas são arenas em disputas (SILVA, 2009, p. 193 e 194)

Esta problematização parte da percepção de que o currículo é um artefato cultural cuja materialidade expressa seleções, exclusões e omissões, permeadas por relações de poder, em um fazer que é, em última análise, um fazer cultural. Neste aspecto, quanto ao caráter produtivo (Idem.) do currículo há discursos que se articulam em teias discursivas<sup>[1]</sup> (ALBUQUERQUE JR, 2007, 101 a 112) mais amplas e que por meio delas são produzidas e articuladas realidades discursivas, que ao nosso entender não são representativas, e sim, constituidoras e produtoras de realidades (FOUCAULT, 2008, p. 60).

Nesta direção, propomos um exercício exploratório de cunho teórico-metodológico para análise de “rastros” discursivos que nos indiquem algumas tendências pedagógicas com base em dois documentos curriculares de História que compõe a nossa empiria: “Reformulação Curricular. História. 5ª/8ª séries” (1988) e “Multieducação. Núcleo Curricular básico do Rio de Janeiro” (1996)

Para construção deste exercício, propomos deslocar noções do campo da cultura para compreensão destes “rastros discursivos” indicativos das teias pedagógicas capazes de contribuir para determinados sentidos expressos nas produções discursivas curriculares. Vale destacar que embora algumas tendências pedagógicas se afirmem como inovadoras, prevalecem negociações entre distâncias com aquilo que já se encontra cristalizado nos currículos.

### 3 - Currículo como artefato “híbrido”: possibilidades de análise

Nas tensões entre tradições e inovações, estabilidade e mudanças (GOODSON, 1997), observamos a possibilidade de deslocamento do conceito de “hibridação” [2] formulado pelo teórico argentino Néstor Garcia Canclini para o campo do currículo. Em primeiro lugar, porque compreendemos que o currículo é um artefato cultural, que identicamente aos fenômenos observados por este teórico, aglutina: “Contradições e discrepâncias internas (que) expressam a heterogeneidade sociocultural, a dificuldade de realizar-se em meio aos conflitos entre diferentes temporalidades históricas que convivem em um mesmo presente. (CANCLINI, 2013, p. 83).

Ao compreendermos o currículo como artefato cultural, entendemos que estas dificuldades, em relação às temporalidades históricas, de que trata Canclini, não se resume apenas à questão formal do currículo, isto é ao documento prescrito. Constatamos algumas mudanças nestes documentos no que diz respeito à incorporação de tendências pedagógicas. Uma das possibilidades para analisá-las é compreendê-las a partir da noção de “fluxos” (APPADURAI, 1996). Neste sentido, propomos o deslocamento de outro conceito do campo da cultura para compreensão do currículo. O conceito de “paisagens” elaborado pelo antropólogo Arjun Appadurai.

Para Appadurai (1996), faz-se necessários meios de apreender as estruturas em suas mutabilidades, superando o condicionamento as suas formas estáveis. Este autor nos provoca quanto a impossibilidade de se sustentar um projeto curricular ou societário coordenado pela ideia de algo como uma cultura, ou, um recorte da cultura, de modo fixo, ou acabado.

Neste sentido, as suas noções de “fluxos culturais” e “paisagens” nos auxiliam na compreensão do saber enquanto algo em construção e transformação. Obviamente, estes saberes são regulados por critérios estabelecidos em suas condições históricas e sociais, com o crivo da cientificidade, que nem por isto, nos exige de constante vigilância.

Desta forma, pensar o currículo como “paisagem”, é também considera-lo como “lugar de fronteira” (MONTEIRO e PENNA, 2011), lugar de marcação de diferenças, possibilitador dos “encontros” e de trocas nas zonas híbridas, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro hierarquias, zona de imensas possibilidades de criação cultural

Assim temos que as produções curriculares analisadas apresentam fluxos de saberes distintos, sempre em movimento, de modo inacabado, em “paisagens” culturais simbólicas, na interação entre os sujeitos e as marcas de diversas temporalidades em um mesmo presente, pois ao se propor algo novo insurge-se contra/dialoga com algo já construído ou em construção, como nos demonstram os trechos selecionados abaixo:

São as vivências do aluno na sala de aula e fora dela que vão lhe permitir entender a essência dos conteúdos que, vistos por outros ângulo, seria meramente o estudo do passado pelo passado. (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 1988, p. 7)

A seleção e abordagem dos conteúdos na escola de primeiro grau deve, assim, passar necessariamente pela significação (...) Se não concordamos com isso, não podemos afirmar com tanta convicção que a escola pretende formar sujeitos com espírito crítico e capazes de pensar e fazer coisas novas.

(PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 1988, p. 7)

Cabe à sociedade, através de instituições como a família e a escola propiciar experiências, trocas interpessoais e conteúdos culturais que, interagindo com o processo de maturação biológica, permitam à criança e ao adolescente atingir capacidades cada vez mais elaboradas, de conhecer e atuar no mundo físico e social (PREFEITURA DO RIO, 1996, p. 41)

A origem das mudanças que ocorrem nas pessoas está, segundo sus princípios, na interação entre estas, a sociedade, a cultura e a sua própria História (PREFEITURA DO RIO, 1996, p. 41).

Ao analisar os trechos dos documentos acima, é necessária a clareza de que as nossas inteligibilidades são produzidas a partir de uma ótica teórica, que é pós-estruturalista, com foco no trabalho do filósofo francês Michel Foucault (1996, 1999, 2008). Neste sentido, isto nos permite compreender algumas regularidades discursivas. Desta forma, embora elaboradas em momentos distintos, encontram-se presentes nos dois documentos, intencionalidades que nos permitem dizer que estes encontram-se sobre o mesmo regime de enunciação. São exemplos destas regularidades discursivas: a formação para cidadania, o protagonismo dos sujeitos e sua atuação no mundo na relação de alteridade, entre outros.

Este regime de enunciação é corolário daquilo que Foucault denomina como “arquivo” (FOUCAULT, 2008, p. 153) e nos indicam que o arquivo nos trechos, em análise, trata da construção de uma sociedade democrática. Analisando estes trechos, além destas intencionalidades, é possível perceber as estratégias pedagógicas para o alcance deste fim. Uma marca expressiva é a influência do educador brasileiro Paulo Freire nos documentos, evidenciada pelos termos: “vivência do aluno”, processo de “significação”, “sujeitos críticos” e suas “interações”.

Há, identicamente, os “rastros” das influências do psicólogo Jean Piaget, especialmente, quanto a questão da “maturação biológica” e a possibilidade para a construção do conhecimento de modo crítico, isto é, segundo a perspectiva

construtivista. Em ambos documentos, é possível reconhecer, também, as contribuições do psicólogo Lev Vygotsky, especialmente, pela construção de aprendizagens por meio da socialização. Cada um dos temas apresentados, obviamente, requerem um maior aprofundamento. Entretanto, dada as limitações a que se propõe este texto, isto será melhor problematizado em momento oportuno.

### Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, D. M. Menocchio e Rivière: Criminosos da palavra, poetas do silêncio. IN: ALBUQUERQUE, JR, D.M. **A arte de inventar o passado**. Florianópolis: EDUSC, 2007. (101-112)
- APPADURAI, A. **Dimensões Culturais da Globalização – A modernidade sem peias**. trad. Telma Costa com revisão científica de Conceição Moreira. Lisboa: Teorema, 1996.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2013.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. (Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves) -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOODSON, I. F. **A Construção social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MONTEIRO, A.M.F.C; PENNA, F. P. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira . **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011.
- Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. **Reformulação Curricular - História 5ª a 8ª série**. Rio de Janeiro: Imprinta, 1988.
- Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação. Núcleo Curricular básico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: SME/Rio,1996.
- SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados. *In*: SILVA, T. T. da (org.), **Alienígenas na sala de Aula. Uma introdução ao Estudos Culturais em Educação**. 8.ed - Petrópolis: Vozes, 2009.
- [1] O conceito de teia discursiva como entende o professor Durval Muniz de Albuquerque Jr (2007) não se apoia em um discurso em particular, mas em um conjunto de práticas em suas condições discursivas histórica e socialmente construídas (ALBUQUERQUE JR, 2007).
- [2] O conceito indica a produção de novos artefatos culturais, híbridos, que resultam do encontro com culturas distintas. (CANCLINI, 2013, p. XIX).